



SEÇÃO: VARIA

A vida real de Walter Mitty

The real life of Walter Mitty

Rafael Pereira de
Menezes¹

orcid.org/0000-0002-5507-0669
rafaelpereira681@hotmail.com

Recebido em: 13 abr. 2017.

Aprovado em: 12 jul. 2019.

Publicado em: 27 jul. 2020.

Resumo: O presente ensaio apresenta o filme *A vida secreta de Walter Mitty*, dirigido por Ben Stiller e baseado em conto escrito por James Thurber na década de 1930, sob a perspectiva das noções de senso de realidade e de possibilidade, ambas apresentadas por Robert Musil em seu romance *O homem sem qualidades*. Demonstramos, ao lançar luzes sobre as diferentes vivências possíveis no intervalo, que há o potencial e o efetivado nas ações do protagonista, uma abundância de ilustrações de liberdade, rupturas com as limitações da vida pequeno-burguesa e de uma possível descoberta de si que surge na não hierarquização valorativa entre o existente e o possível.

Palavras-chave: A vida secreta de Walter Mitty. Bem Stiller. Robert Musil. Senso de possibilidade. Senso de realidade.

Abstract: This essay presents the movie *The secret life of Walter Mitty*, directed by Ben Stiller and based on a short story written by James Thurber in the decade of 1930 under the perspective of the notions of sense of reality and possibility, both presented by Robert Musil in his novel *The man without qualities*. We have shown, by throwing lights over the different experiences that are possible in the interval that exists between whatever lies as possible and actual in the protagonist's actions, an abundance of illustrations of liberty ruptures with petty bourgeoisie life and a possible self-discovery that emerges from the non-hierarchization of values among whatever lies in existence or as a possibility.

Keywords: The secret life of Walter Mitty. Ben Stiller. Robert Musil. Sense of reality. Sense of possibility.

É celebre a antiga fábula do sábio chinês. Conta tal fábula a história de um sábio homem que não sabia quem de fato era – um homem que sonhava que era uma borboleta ou uma borboleta que sonhava ser um sábio. A dúvida é, aparentemente, e em um primeiro momento, facilmente dissipada, uma vez que nunca ouvimos ninguém se referir a tal fábula como se essa fosse a fábula da borboleta. São os homens que conseguem contar seus sonhos. Logo, concluiria alguém desprovido de maior sensibilidade ao encerrar a conversa, o sábio chinês é real e a borboleta é sonho – salvo a hipótese de o universo todo estar contido na mente de uma borboleta sonhadora.

No entanto, apenas em um primeiro momento, nosso sábio parece ingênuo. Afinal, como exatamente é possível diferenciar o real do sonhado ou do imaginado? Qual a diferença entre *atualizado* ou potencial? Para cada realidade concreta existente, existem centenas de bilhões de possibilidades latentes, não *atualizadas*. Podemos nos perguntar se o acidente da efetivação faz com que uma situação concreta tenha mais realidade do que uma possível. A realidade vale mais do que um sonho?



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

¹ Centro Universitário Campos de Andrade (Uniandrade), Curitiba, PR, Brasil.

O efetivo existe por acidente. Não apenas no sentido que o termo recebe no léxico filosófico, mas mesmo em seu uso corrente: uma guerra pode ser declarada por conta de uma noite mal dormida. Um romance pode começar ou terminar por causa de um ônibus atrasado ou de uma música tocada no rádio. Nesse caso, tudo que existe tem a precariedade do sonho – e esse sonho tem a quase efetividade do real. O que diferencia um do outro não é propriamente a existência, mas o acidente que trouxe algo à existência. O romancista Robert Musil, em sua obra *O homem sem qualidades*, trata nos seguintes termos daquelas pessoas que conhecem o chamado *Senso de possibilidade*, ou seja, que possuem a capacidade de ver no existente as possibilidades não *actualizadas* e *actualizáveis*:

Assim, o senso de possibilidade pode ser definido como capacidade de pensar tudo aquilo que também poderia ser, e não julgar que aquilo que é seja mais importante do que aquilo que não é. Vê-se que as consequências dessa tendência criativa podem ser notáveis, e lamentavelmente não raro fazem parecer falso aquilo que as pessoas admiram, e parecer permitido o que proibem, ou ainda fazem as duas coisas parecerem indiferentes. Essas pessoas com senso de possibilidade vivem, como se diz, numa teia mais sutil, feita de nevoeiro, fantasia, devaneio e condicionais; crianças com essa tendência são educadas para se libertarem dela, e lhes dizemos que tais pessoas são utopistas, sonhadores, fracos, e presunçosos ou críticos mesquinhos.²

Uma teia mais sutil, feita de nevoeiro, fantasia... eis o mundo de Walter Mitty, como retratado no filme dirigido por Ben Stiller, e baseado em um conto escrito por James Thurber na década de 1930.³ Ele é um funcionário da revista *Life* que frequentemente se perde em devaneios e desliga-se da vida real quando, mergulhando em seus pensamentos, visita o mundo das possibilidades não alcançadas por suas ações. Mitty é o homem que salva o mundo quando conversa com uma garota ao tomar um café, mas que, entretido em seus pensamentos, não percebe que a garota foi

embora, deixando-o só em suas viagens pessoais. Seu senso de possibilidade o aliena da realidade e a sensibilidade de ver o não *actualizado* o impede de realizar seus devaneios. Sobre as pessoas dotadas do senso de possibilidade, escreve Alberto Pucheu:

Para essas, há sempre um resto nas ideias que escapa de suas realizações, mantendo-se como horizonte aberto mesmo em toda e qualquer configuração. A ideia é justamente o que não se reduz às concreções, mas que sempre alimenta suas possibilidades de existência; o que inesgotavelmente falta, ainda que abunde nas criações; o que não pode ser usado, mesmo que oferte tudo o que é usado; o que jamais se desgasta, apesar de proporcionar todo gasto.⁴

Há um ponto, porém, em que a efetividade do real se diferencia do não vivenciado. Acima tratamos tal momento como acidente. Mas, tal acidente, no que diz respeito às ações humanas, costuma receber outro nome: liberdade. Uma chuva em um dia de trânsito ou uma indisposição estomacal podem iniciar toda uma cadeia de causalidade capaz de transformar todo o futuro. No entanto, quando agimos, fazemos como se estivéssemos nos evadindo dessa teia de caos. Esquivamo-nos dos determinismos, ou tentamos, e essas decisões, esses momentos de consciência em que diferentes possibilidades de vida trazidas acidentalmente precisam ser abandonadas ou trilhadas, fazem com que nos sintamos reais *com* a realidade escolhida. Elas moldam caráter. Definem personalidade. Segundo Blanchot:

O homem sem particularidades, que não quer reconhecer-se na pessoa que é, para o qual todos os traços que o particularizam não fazem dele nada de particular, jamais próximo daquilo que lhe é mais próximo, jamais estrangeiro àquilo que lhe é exterior, escolhe ser assim por um ideal de liberdade, mas também porque vive num mundo – o mundo moderno, o nosso – em que os fatos particulares estão sempre prestes a perderem-se no conjunto impessoal das relações, das quais elas apenas marcam a intersecção momentânea.⁵

² MUSIL, Robert. *O homem sem qualidades*. Traduzido por Lya Luft e Carlos Abbenseth. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 24.

³ A VIDA Secreta de Walter Mitty. Diretor: Ben Stiller. Roteirista: Steve Conrad. Título original: *The Secret Life of Walter Mitty*. Los Angeles: Twentieth Century Fox, 2013. DVD (114 min.).

⁴ PUCHEU, Alberto. O senso de possibilidade. *O Marrare*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da UERJ, Rio De Janeiro, v. 10, n. 13, p. 1-9, 2010. p. 2. Disponível em: <http://www.omarrare.uerj.br/numero13/pucheu.html>. Acesso em: 11 abr. 2017.

⁵ BLANCHOT, Maurice. *O Livro por Vir*. Traduzido por Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 201.

Há um jogo de forças entre as escolhas deliberadas, seus fundamentos racionais e irracionais e a origem intencional (por outrem) ou acidental (pelos acasos desse outrem). E há nas coisas e nas pessoas, possibilidades reais de vidas perfeitamente possíveis que só podem surgir a partir desse suscitar, desse jogo estranho entre acidente e escolha ao qual chamamos liberdade. Nas palavras de Hermann Hesse:

Há um sonho, um raio que palpita preso em cada pedra. Se não o despertas, a pedra permanece pedra apenas, a cidade continua sendo cidade, a beleza será sempre bela, o tédio continuará a aborrecer; e, em tudo, dormita o sonho das coisas. Até que chegue o momento, em que tu, dando vazão às tuas torrentes incontidas, desperte as coisas, sacudindo-as com a trovoadas de tuas fantasias.⁶

A discussão sobre as torrentes incontidas em Hesse suscita outra discussão, tratada por Deleuze a respeito da virtualidade e atualidade dos entes. No texto "O atual e o virtual", o filósofo afirma:

O atual é o complemento do produto, ou o objeto da atualização, mas esta não tem por sujeito senão o virtual. A atualização pertence ao virtual. A atualização do virtual é a singularidade, ao passo que o próprio atual é a individualidade construída. O atual cai para fora do plano como fruto, ao passo que a atualização o reporta ao plano como aquilo que reconverte o objeto em sujeito⁷

A diferença, enquanto característica forte da ontologia em Deleuze, segundo Craia,⁸ apresenta-se como abandono do pensamento identitário. As virtualidades do ser adquirem realidade, no sentido de que a atualização pertence ao virtual. A singularização do protagonista do filme, ao abraçar suas possibilidades, implica a construção de sua individualidade, com a ruptura dos determinismos e das limitações do atual em favor da virtualidade e da "multiplicidade dos devires, que por sua vez, podem ser nomeados de 'fluxos de intensidade'".⁹ A intensidade das correntes incontidas, para

utilizarmos a expressão de Hesse, flui do atual em direção ao virtual. Assim como o princípio de possibilidade em Musil apresenta-se como realidade, retida enquanto não atualizada por uma questão de intensidade, o caráter virtual da imaginação de Mitty difere de sua vida em ato por um acidente de intensidade e vivência, que não o torna menos real. E, enquanto real, tal virtualidade apresenta-se como potencialidade a ser atualizada.

Mitty, lançado em seus problemas profissionais, pressionado pela latência de seu amor platônico e tímido por Cheryl e vendo a possibilidade de uma vida fantástica tal como a presente em seus devaneios iniciados a partir das fotografias de O'Connor, liberta, em um momento, suas torrentes incontidas. A beleza do filme reside, em nossa opinião, no fato de que todas as vidas sonhadas por Mitty eram possíveis, o que faz com que sua virada radical seja ao mesmo tempo fantástica e prosaica. O heroísmo como uma possibilidade real é uma trilha de vida que se descortina para Mitty. Ele consegue viver um ideal que é bastante caro para o homem comum ocidental: o de uma vida encantada e lúcida, como a de uma personagem de conto de fadas.

Chesterton fala desse ideal com maestria em seu *Ortodoxia*, apresentando-o com uma simples pergunta: "Esse pelo menos me parece ser o principal problema dos filósofos [...] Como podemos imaginar ficarmos ao mesmo tempo assombrados com o mundo e, mesmo assim, nele nos sentirmos em casa?"¹⁰

Talvez a resposta seja: não nos sentindo em casa.

O ideal da casa deveria estar guardado no centro do coração, como estava nas origens da nossa civilização, com Ulisses em seu sonho de retorno à Ítaca. Envelhecemos, porém. Tornamos-nos burgueses, e o conforto e a opulência trouxeram, como um vírus escondido entre diversas vantagens e facilidades, um sentimento corrente e quase universal de tédio. A vida

⁶ HESSE, Hermann. *Para ler e pensar*: Pensamentos extraídos de seus livros e cartas. Traduzido por Bêlchior Cornélio da Silva. Rio de Janeiro: Editora Record, 1971. p. 129.

⁷ DELEUZE, Gilles. O atual e o virtual. In: ALLIEZ, Éric. *Deleuze Filosofia Virtual*. Trad. Heloisa B. S. Rocha. São Paulo: 34, 1996. p. 51.

⁸ CRAIA, Eládio. O virtual: destino da ontologia de Gilles Deleuze. *Aurora: Revista de Filosofia*, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 107-123, 2009. p. 109-110.

⁹ CRAIA, Eládio. O virtual: destino da ontologia de Gilles Deleuze. *Aurora: Revista de Filosofia*, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 107-123, PUCPR, 2009. p.110.

¹⁰ CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia*. Traduzido por Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 19.

burguesa é previsível, repetitiva, maquinal. Para Mitty, sua rotina consistia no trabalho de receber fotos enviadas por um aventureiro no fim do mundo e submetê-las para os editores da revista onde trabalhava. Uma vez, entretanto, que Mitty guardava em si o senso de possibilidade como uma sensibilidade exacerbada, viver essa rotina era uma acusação. Cada covardia, cada repetição, cada timidez era denunciada como decadência pelo senso de possibilidade. Mitty via no devaneio o que sua vida poderia ser e logo em seguida vivia o que ela de fato era.

Mas qual a diferença ontológica entre possível e real (ou entre virtual e atual, na terminologia deleuziana)? No caso aqui analisado, não há diferença. Fora do domínio dos acidentes e escolhas que o tornaram quem ele fora até ali, Mitty consegue tornar sua vida aquilo que seu senso de possibilidade apontava por possível. O pequeno heroísmo é mais confortável do que a vida pequeno-burguesa. O assombro apontava para a casa que oprimia, e a opressão da casa apontava para o assombro. A vida segue a mesma, enquanto vira de cabeça para baixo. Novamente citando Musil, lemos:

Uma experiência possível, ou uma verdade possível, não são iguais a experiência real e verdade real menos o valor da realidade; ao contrário, ao menos do ponto de vista de seus seguidores, têm em si algo divino, um fogo, um vôo, um desejo de construção e um utopismo consciente, que não teme a realidade mas a trata como missão e invenção... É a realidade que desperta as possibilidades, e nada mais errado do que negar isso.¹¹

Nesse momento, quando "a realidade desperta as possibilidades", os devaneios cessam. O senso de possibilidade é atendido pela vivência do possível. Na Groenlândia ou no Himalaia, em um navio pesqueiro ou na carona de um piloto bêbado de helicóptero, Mitty encontra o caminho de casa. Não que não existissem mais outros caminhos – há sempre outros caminhos possíveis, e eles são tão legítimos como os que de fato foram trilhados – mas esses não surgem

mais como manifestação de uma sensibilidade latente, aprisionada por uma rotina qualquer. As fantasias despertaram as coisas – e essas foram para sempre transformadas pela ação de Mitty. De acordo com Deleuze: "[...] os círculos se estreitam e o virtual aproxima-se do atual para dele distinguir-se cada vez menos. Atinge-se um circuito interior que reúne tão somente o objeto atual e sua imagem virtual".¹²

Como é característico em viagens de autoconhecimento, o lar, a sensação de dever cumprido, encontra-se no final. Quando o homem esquece de si mesmo é que ele se encontra. Quem quer guardar a própria vida a perde... quem a arrisca pode salvá-la.¹³ Tudo o que Mitty procurava estava consigo o tempo todo. Literalmente consigo, se pensarmos na fotografia de O'Connor para a edição final da *Revista Life*. A vida que ele almejava já estava em sua mente. A garota que ele amava já estava em seu coração. Mas, apenas ao transformar seu senso de possibilidade em senso de realidade, ao escolher um acidente diferente em vez de repetir a mesma aposta de todos os dias, Mitty cumpriu o ideal. Apagou a diferença entre devaneio e realidade, entre acidente e *atualizado*, e conseguiu retornar para sua casa, para sua vida – agora sim, sua vida.

Referências

A VIDA Secreta de Walter Mitty. Diretor Ben Stiller. Roteirista Steve Conrad. Título original: *The Secret Life of Walter Mitty*. Los Angeles: Twentieth Century Fox, 2013. DVD (114 min.).

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB, com introduções e notas. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BLANCHOT, Maurice. *O Livro por Vir*. Traduzido por Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia*. Traduzido por Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

CRAIA, Eládio. O virtual: destino da ontologia de Gilles Deleuze. *Aurora: Revista de Filosofia*, Curitiba, v. 21, n. 28, p.107-123, 2009. <https://doi.org/10.7213/rfa.v21i28.1150>.

DELEUZE, Gilles. "O atual e o virtual" In: ALLIEZ, Éric. *Deleuze Filosofia Virtual*. trad. Heloisa B.S. Rocha. São Paulo: 34, 1996.

¹¹ MUSIL, Robert. *O homem sem qualidades*. Traduzido por Lya Luft e Carlos Abbenseth. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p. 14-15.

¹² DELEUZE, Gilles. O atual e o virtual. In: ALLIEZ, Éric. *Deleuze Filosofia Virtual*. Trad. Heloisa B. S. Rocha. São Paulo: 34, 1996. p. 53.

¹³ BÍBLIA, João 12.25.

HESSE, Hermann. *Para ler e pensar: pensamentos extraídos de seus livros e cartas*. Traduzido por Bêlchior Cornelio da Silva. Rio de Janeiro: Record, 1971.

MUSIL, Robert. *O homem sem qualidades*. Traduzido por Lya Luft e Carlos Abbenseth. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

PUCHEU, Alberto. O senso de possibilidade. *O Marrare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da UERJ*, Rio de Janeiro, v.10, n.13, 2010. Disponível em: <http://www.omarrare.uerj.br/numero13/pucheu.html>. Acesso em: 11 abr. 2017.

Rafael Pereira de Menezes

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR, Curitiba, PR, Brasil), professor no Centro Universitário Campos de Andrade (Uniandrade, Curitiba, PR, Brasil).

Endereço para correspondência

Rafael Pereira de Menezes

Tribunal Regional Eleitoral do Estado do Paraná, 155a
Zona Eleitoral

Av. Presidente Getúlio Vargas, 1.360

Centro, 83301-010

Piraquara, PR, Brasil